

Identidade, é possível esquecê-la?

Identity, is it possible to forget it?

Sandra Regina Schewinsky¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo uma reflexão sobre as dificuldades e sofrimentos impingidos à pessoa que apresenta prejuízos de memória, principalmente no tocante a sua identidade, em função de um acometimento mórbido cerebral que acarretou déficits cognitivos, além da instalação da Hemiplegia. Para adentrar este percurso utilizei o referencial teórico da Psicologia Sócio-Histórica, pois o indivíduo desenvolve-se com suas peculiaridades e singularidades em um processo dialético na interação com o meio e com o outro. Será discutido porque os déficits de memória podem ser tão dramáticos, interferindo na consciência, na atividade, afetividade e identidade da pessoa. Finalmente como o atendimento de reabilitação pode facultar o processo de metamorfose da identidade do paciente.

PALAVRAS CHAVE

Memória, Identidade, Teoria Sócio-Histórica, Hemiplegia, Reabilitação.

ABSTRACT

This work aims to make some considerations about the difficulties and suffering impinged to the person who presents memory deficiency, mainly in terms of identity, due to a morbid event in the brain, which has also led to hemiparesis. In order to develop these observations, the socio-historic theory will be the reference, because the individual grows in his own peculiarities in a dialectic process of interaction with the environment and the others. It will be discussed the reason memory deficits can be so dramatic, interfering with conscience, activity and identity of the patient. Finally, it is discussed the way the approach in rehabilitation can allow a transformation in the individual's identity.

KEYWORDS

Memory, identity, socio-historic theory, hemiplegia, rehabilitation

Recebido em 2 de Julho de 2005, aceito em 15 de Agosto 2005

¹ Psicóloga Encarregada do Serviço de Psicologia da Divisão de Medicina de Reabilitação do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Mestra em Psicologia.

Endereço para correspondência:
Rua Diderot 43, Vila Mariana, São Paulo, SP. CEP: 04116-030.
Fone: 0xx11 5549-0111 fax: 0xx11 5549-0556.
E-mail: srschewinsky@ig.com.br

Introdução

A vida caminha e com ela as descobertas e desilusões.

A humanidade precisa conviver com duas grandes desilusões. A primeira que todos morrem e, por fim aquela fala batida de nossos pais: “estude, pois essa é a única herança que ninguém tira” nem é sempre verdadeira.

A Divisão de Medicina de Reabilitação do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo atende a pessoa com deficiência física, inclusive quem sofreu lesões neurológicas, que podem acarretar distúrbios motores como a hemiplegia, como também disfunções neuropsicológicas incluindo os déficits mnésticos.

Alterações de memória que dificultam o resgate de dados autobiográficos, a memorização das informações do presente e lembrar material estudado durante a vida, estão arrolados a segunda grande desilusão citada. As falhas de memória podem levar ao abalo da identidade e a integridade do sujeito pode ficar ameaçada.

O homem diferencia-se do animal em virtude de suas atividades mentais, dentre elas a memória, que é uma função mental importantíssima, pois por meio dela que o homem constrói sua história, seu aprendizado, seus afetos e regula sua conduta, ou seja, é através da memória que o homem sabe quem ele é¹.

A memória é um cabedal infinito de estímulos e vivências em que se captam fragmentos que levados à luz possibilitam o saber da própria existência, o caminho percorrido até então, atuações, gostos e gestos. A apropriação da cultura se dá pelo fato do homem poder ter representações mentais, que ocorrem através do processo mnemônico.

Durante todo o tempo segue-se a “dança” daquilo que foi oferecido, mostrado e internalizado, do que foi vivido, do que foi absorvido, da certeza do presente e dos planos para o futuro.

Bosi², atribui à memória uma função decisiva no processo psicológico total:

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Quando tem dificuldades graves de memória, a pessoa fica muito angustiada, referindo não saber se é merecedora do castigo da deficiência, pois não se lembra se era boa ou não. Fica ausente da consciência o reconhecimento e a capacidade de identificar conteúdos mnêmicos que possibilitam resgatar a autobiografia e, por conseguinte, seus comportamentos e afetos.

A reconstrução dos fatos da própria vida é que possibilita a sensação de intimidade consigo mesmo e com o outro, como, por exemplo, para saber quem é a pessoa amada, como se travou o relacionamento, quais os planos futuros, é necessário lembrar, reviver, refazer, repensar, trazer as imagens do passado e presentificá-las.

Não há uma evocação do passado se o homem não tiver as condições mentais do presente preservadas, um indivíduo não sabe

o que ele é ou foi se incapaz de sair da concretude atual. A vida atual só tem significado quando reconhecida como processo em sua historicidade.

As sensações de desconhecimento e de sentir-se perdido e desorientado assolam a pessoa com déficits de memória, instaura-se o desejo ardente de uma explicação sobre o presente e o passado, para que as experiências possam ser resignificadas e nortear os caminhos da vida. O empenho do indivíduo em dar um sentido à sua biografia penetra as lembranças com um “desejo de explicação” 2 (p.340).

O prejuízo do processo mnéstico pode alterar a capacidade do reconhecimento consciente de padrões pessoais:

A memória interfere no funcionamento da atividade consciente, pois ocorrendo desconexão da experiência, ou seja, se a pessoa não lembra desta, perde-se a capacidade de pesquisar os registros, de comparar o passado com o presente, de refletir sobre os fatos e de ordená-los com coerência.

A consciência é dependente da integridade de certos estados de funcionamento cerebral e é através dela que conhecemos nossas experiências, pela recepção e pelo processamento de informações e pela seleção de acordo com a pertinência. Na impossibilidade de resgatar os eventos, o reconhecimento do presente fica prejudicado, logo não há consciência quando não se recupera o registro³.

A consciência é a síntese de todas as funções, ela é o conhecimento que acompanha as impressões e ações do homem e, corresponde à clareza com que ele pode tomar conhecimento de suas experiências. O indivíduo é consciente de alguma coisa, por exemplo, do que se passa em torno dele, ou da natureza de seus pensamentos, ou emoções.

Dalgalarondo⁴ faz a seguinte definição psicológica da consciência:

A soma total de experiências conscientes de um indivíduo em um determinado momento. É a dimensão subjetiva da atividade psíquica do sujeito que se volta para a realidade. Na relação do eu com o ambiente, a consciência é a capacidade de o indivíduo entrar em contato com a realidade, perceber e conhecer os seus objetos.

Portanto, a consciência é o pré-requisito para a habilidade de “reconhecer” ou “criticar” nossas percepções, pensamentos, memórias e ações. Sendo esta habilidade de base intencional, tudo isso se refere à imensa plasticidade e ao caráter dirigível dos processos da atividade consciente do homem e distingue acentuadamente a sua atuação do comportamento animal.

A pessoa, com alterações no processo mnéstico, pode ter sua consciência sujeita a limitações, prejuízos ou falências na recuperação de vários tipos e níveis de registro, restrições na acessibilidade, e na capacidade de síntese da recuperação da informação. Quando não se pode reconhecer nada dos registros pertinentes dos aspectos físicos de um discreto evento, então não se pode ter a base para o reconhecimento presente. Não há a consciência de nenhuma modalidade relevante, se não se recupera nenhum registro.

Os aspectos relativos aos déficits de memória podem ser sofridos para a pessoa acometida de lesão cerebral, interferindo sobremaneira em sua identidade.

A identidade constitui-se no interjogo da subjetividade e da

objetividade. Sendo inexistente a dicotomia, o desenvolvimento do homem não se dá no abstrato, ocorre em um espaço e tempo determinados, não só no contexto imediato, como também coroado pelo passado e na expectativa do futuro e atribuição de sentido a tudo.

No processo de objetivação do mundo, o indivíduo vai objetivando a si mesmo. A constituição do sujeito na sua singularidade acontece na relação do seu eu com o meio. Os desejos, as preferências e os gostos são formados no plano da subjetividade, mas que podem ser pressionadas ou instituídas pelo objetivo.

Os significados dados processam-se através de ações e pensamentos da pessoa concreta, a qual se individualiza e se subjetiva, na medida em que está emersa na objetividade do mundo que a cerca e onde ela atua.

Segundo Lane⁵:

... constatamos que o fenômeno psicológico a ser estudado é a dialética entre subjetividade e objetividade. Ou seja, a realidade objetiva vivida pelo indivíduo se torna subjetiva, a qual por sua vez se objetivará por meio de suas ações.

Ao internalizar as experiências fornecidas pelo mundo objetivo, o sujeito reconstrói individualmente os modos de ação realizados externamente e aprende a organizar os próprios processos mentais, baseando-se em recursos internalizados e subjetivos. A internalização e sua centralidade na constituição do indivíduo, as trocas empreendidas nos contextos culturais e sociais são vitais na transformação do ser humano, e consolida-se no decorrer de toda a vida.

Lane⁶ acrescenta:

Uma pessoa é a síntese do particular e do universal, ou seja, sua individualidade se constitui, necessariamente, na relação objetiva com seu meio físico, geográfico, histórico e social que irão, através de suas ações, desenvolver o psiquismo humano constituído, fundamentalmente, pelas categorias: consciência, atividade e afetividade.

Segundo essa autora⁶ é no processo de interação do homem com a sociedade que este desenvolve sua identidade, como categoria constitutiva de seu psiquismo.

Ciampa⁷ diz que identidade é um processo, por isso está sempre em metamorfose que busca a emancipação.

Furtado⁸ elucida sua teoria:

... a definição de identidade como metamorfose, significa a relação do sujeito com sua história de vida e ao mesmo tempo com o contínuo processo de mudança, é um achado que, estudando questões concretas da história de vida dos sujeitos, coloca a dinâmica da objetividade e da subjetividade numa constante interação.

A base objetiva das realizações concretas do sujeito é a atividade, em que o trabalho é importantíssimo para o desenvolvimento das funções mentais. Este é um dos fatores decisivos da passagem da conduta animal à conduta consciente da humanidade, pois é um processo de ação sobre a natureza e de modificações das faculdades psicológicas. Desde sua origem o trabalho é um processo mediado simultaneamente pelos instrumentos e pelos relacionamentos sociais.

A fim de dominar a natureza e facilitar sua sobrevivência, o homem lança mão do uso de instrumentos em sua atividade laborativa, que são elementos interpostos entre o trabalhador e o objeto

de trabalho, para ampliar as possibilidades de transformação da realidade externa.

Os instrumentos possibilitam ao homem desenvolver ações que modificam os objetos de acordo com suas necessidades, podendo dominar a natureza, compreendê-la e incorporá-la, dessa forma a utilização dos instrumentos transformam o psiquismo, favorecendo o pensamento e o controle de suas próprias ações⁹.

Ao construir um instrumento utilizável por todos, este deixa de ser propriedade de seu inventor e passa a pertencer a toda humanidade. Como nos refere Codo¹⁰:

... a dupla apropriação homem-meio (transformar e ser transformado pela natureza) se funde e tem como requisito a dupla apropriação homem-homem (transformar e ser transformado pelo outro).

De acordo com a teoria de Ciampa¹¹, a expressão subjetiva da atividade dá-se nas definições de papéis.

Para o desenvolvimento do psiquismo humano a consciência é outra categoria fundamental, a qual forma-se desde o nascimento do indivíduo, e o processo de conscientização de si mesmo e dos fenômenos circundantes ocorre ao longo da vida. Origina-se na participação do sujeito em atividades compartilhadas com outros, é através dos relacionamentos interpessoais concretos que ele vai interiorizar as formas sociais estabelecidas e assim incrementar seu funcionamento psicológico.

A constituição do sujeito na sua singularidade acontece na relação do eu com o outro, tem consciência de si porque a tem para os demais, ou seja, o indivíduo é para si o mesmo que os demais são para ele, reconhece-se quando é o outro para si próprio. O contato com os semelhantes permite o reconhecimento do outro e através disso o auto-reconhecimento.

Ao internalizar as experiências fornecidas pela cultura, o sujeito reconstrói individualmente os modos de ação realizados externamente e aprende a organizar os próprios processos mentais, baseando-se em recursos internalizados. Este movimento dialético que possibilita o desenvolvimento da singularidade é permeado pelos afetos, sendo a afetividade a terceira categoria constituinte do psiquismo humano, segundo Lane⁶.

As emoções possuem um caráter social, mesmo porque as palavras já trazem embutidas em si significados e conteúdos emocionais. Os sentimentos podem ser mais duradouros, Lane⁵ cita Agnes Heller para elucidar esta questão, em que os sentimentos são como figuras de fundo e significam que uma pessoa está implicada com algo ou alguém e este fato pode se constituir desde emoções simples até sentimentos mais complexos que irão constituindo, então, a personalidade do sujeito.

Lane⁵, então constata a natureza mediacional das emoções na constituição do psiquismo humano:

Elas estão presentes nas ações, na consciência e na identidade (personalidade) do indivíduo, diferenciando-se social e historicamente por meio da linguagem. Porém, a diferença entre emoções e sentimentos nos levou a indagar se o caráter de mediação envolvia apenas as primeiras (tão empíricas quanto à linguagem), e os sentimentos mais duradouros constituiriam de fato mais uma categoria do psiquismo humano, a qual denominamos afetividade.

Os afetos, portanto, encontram-se presentes nos desejos, motivações, ações e atividades, constituindo a individualidade e a personalidade da pessoa.

É na interação da atividade, consciência e afetividade que a identidade é desenvolvida no psiquismo.

A identidade é gerada pela socialização, ou seja, desenvolve-se à medida que o sujeito vai se apropriando dos universos simbólicos do mundo e, realiza o movimento de tornar os fenômenos de intersicológicos em intrapsicológicos. O indivíduo se constrói em relação a um mundo social já constituído que predomina sobre ele, é pelas funções psíquicas que percebe e introjeta este mundo, permitindo assim a sua diferenciação individual.

Crochík¹², refere:

A identidade individual é dada por elementos visíveis e invisíveis, constantes e imprevisíveis, sociais e individuais, manifestos e ocultos, universais e particulares, permanentes e em mutação. Não considerar os aspectos permanentes, embora não imutáveis, é desconsiderar a memória, a experiência acumulada refletida ou não, ou seja, a mesmidade, algo que o indivíduo reconhece como próprio e particular. Ele não só são estas características (...), mas as considerações e os papéis sociais atribuídos a ele. Não considerar a possibilidade de mudança, ou aquilo que lhe é oculto, por sua vez, é julgar que o indivíduo seja incapaz de ser outra coisa, além daquilo que se espera dele.

Portanto, é interessante pensar o quanto a consciência pode estar alterada na pessoa com comprometimento de memória, como ainda sua atividade, afetos e principalmente a identidade. Sendo o mundo circundante a âncora para o indivíduo sentir-se seguro e desenvolver sua própria forma de ser e estar, qual não é a sensação de estranheza quando os lugares e os outros já não são mais íntimos ou conhecidos, quando persistem em falar de situações, fatos e atos realizados e dos quais não se tem o menor vestígio na lembrança? Sua identidade perde a nitidez e instala-se a angústia.

Segundo Ciampa¹¹, a identidade não é dada, ela vai se dando, ou seja, sendo re-posta. E como repor aquilo que não se lembra?

O indivíduo que apresenta comprometimento de memória recente, com dificuldade em solidificar (armazenar) as informações recebidas, necessita que a reposição da memória seja feita por outrem, mas cabe lembrar que vários sentimentos são suscitados, como o de desconfiança, angústia e perplexidade tanto da parte do paciente como de seus familiares, delimitando-se a necessidade do acompanhamento psicológico.

O atendimento psicológico neste caso visa a reabilitação neuropsicológica, incluindo a memória e a conscientização dos déficits e uso de estratégias mnemônicas, como também a elaboração das perdas sofridas e assim uma nova integração da identidade.

Pois a identidade como metamorfose, significa a relação do sujeito com sua própria história de vida e ao mesmo tempo com o contínuo processo de mudança. É através da interação com o outro que a pessoa vai reconstruindo sua memória e, por conseguinte, sua identidade.

Furtado⁸, refere que identidade:

... é ao mesmo tempo definida pelo sujeito e atribuída a ele pelo outro. A identidade é o momento em que o sujeito é ele e a forma

como é representado socialmente o seu próprio eu.

A identidade difere o sujeito dos demais, nela está embutida a capacidade da pessoa em construir diante de situações adversas novas formas de agir, mas de forma harmônica com sua integridade. Ela está imbuída da capacidade de buscar a liberdade para conciliar a dignidade e a felicidade. Para Habermas¹³, uma identidade bem sucedida do Eu, significa:

... a capacidade peculiar de sujeitos capazes de falar e agir, de permanecerem idênticos a si mesmos, inclusive nas mudanças profundas da estrutura da personalidade, com as quais eles reagem a situações contraditórias. Os sinais de auto-identificação, todavia, devem ser reconhecidos intersubjetivamente, a fim de poder ser fundada a identidade da pessoa. Distinguir a si mesmo dos outros deve ser algo reconhecido por esses outros.

A identidade se confirma na capacidade da pessoa construir novas identidades e integrá-las às anteriores, levando à autonomia e individualização. O que significa que a formação da identidade é um processo contínuo.

Neste sentido, alterações cognitivas decorrentes e acometimentos mórbidos neurológicos, precisam ser encaradas como parte deste processo e movimento, obviamente não se desconsiderando as dificuldades e sofrimentos, mas também, podendo-se enxergar a inesgotável plasticidade e as possibilidades do devir humano.

Os relacionamentos vão dando concretude à pessoa e uma nova identidade aflora, não como ficção ou imaginação, mas com algo sólido e verdadeiro. A humanidade de quem não lembra precisa ser reconhecida e outorgada. Aspecto que fundamenta a importância da Equipe Multidisciplinar neste processo, como refere Battistella¹⁴:

Para todos que assistem o paciente com seqüelas ou incapacidades definitivas, dentro dos cuidados paliativos ou em situações transitórias de dor e sofrimento orgânico, é preciso criar a oportunidade para a expressão destes sentimentos, numa atmosfera acolhedora, ouvindo o paciente e seus familiares e valorizando as experiências e os caminhos percorridos por este núcleo de pessoas em busca de uma solução para o luto da perda.

Neste sentido, reconhecer as competências e técnicas de cada profissional da equipe, exercitando o respeito aos pares, a responsabilidade da ação compartilhada e a importância de uma atitude serena e eficaz é o substrato para uma vivência humanizadora no âmbito da saúde.

Assim sendo, pode-se pensar que todos aqueles que acompanham o paciente em sua trajetória de reabilitação são agentes de seu processo de metamorfose. A metamorfose é inevitável, ela é a manifestação do viver, que se concretiza a cada momento. A realidade é sempre movimento e transformação. Mesmo com uma mudança tão drástica, com as interações e relacionamentos, a pessoa resgata a possibilidade de ser representante de si mesma... compareço perante outrem como representante de mim-mesmo, a partir dessa pressuposição de identidade, que se encarna como uma parte de mim-como-totalidade⁷.

O fato de estar inserido no processo de reabilitação, no qual é preciso realizar atividades, colocar-se em situações de embates, enfrentar o outro tão desconhecido e ao mesmo tempo atribuidor

de sentido, retira a pessoa de sua situação de “paralisia” e fomenta o processo de metamorfose.

Para a pessoa que sofreu lesão cerebral o trabalho de reabilitação pode melhorar o processo mnemônico, incrementar a consciência, resignificar os afetos e por fim concretizar a identidade em seu eterno movimento.

Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto.

Identidade é metamorfose.

É sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um, numa infundável transformação¹¹.

Conclui-se, portanto, que as descobertas, desilusões, lutos e perdas fazem parte do caminhar da vida. Caminho que pode ser traçado em companhia de pessoas queridas e profissionais competentes, para que a identidade nunca seja esquecida.

Referências Bibliográficas

1. Schewinsky SR. O processo de conscientização do déficit de memória na Pessoa acometida de lesão cerebral [Tese]. São Paulo: Universidade São Marcos; 2001.
2. Bosi E. Memória e sociedade – lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz; 1979.
3. Schewinsky SR, Ghiringello L. A atuação do Psicólogo junto à pessoa acometida de lesão cerebral e com alterações de memória. In: Dunker CIL, Passos MC. Uma Psicologia que se interroga, ensaios. São Paulo: Edicon; 2002 p.265-285.
4. Dalgarrondo P. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; 2000.
5. Lane STM. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: Lane STM, Sawaia BB. Novas veredas da psicologia social. São Paulo: Brasiliense; 1995.
6. Lane STM. A dialética da subjetividade versus objetividade. In: Furtado O, Rey FLG. Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais. São Paulo: Casa Do Psicólogo; 2002.
7. Ciampa AC. A estória do Severino e História da Severina. São Paulo: Brasiliense; 1987.
8. Furtado O. As dimensões subjetivas da realidade – uma discussão sobre a dicotomia entre a subjetividade e a objetividade no campo social. In: Furtado O, Rey FLG. Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2002.
9. Leonteiv AN. O desenvolvimento do psiquismo. São Paulo: Martins Fontes; 1978.
10. Codo W. O fazer e a consciência. In: Lane STM, Codo W. Psicologia Social: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense; 1993.
11. Ciampa AC. Identidade. In: Lane STM, Codo W. Psicologia social: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense; 1993.
12. Crochik JL. Preconceito – indivíduo e cultura. São Paulo: Robe Editorial; 1995.
13. Habermas J. Para a reconstrução do materialismo histórico. São Paulo: Brasiliense; 1990.
14. Battistella LR. Humanização, equipes multidisciplinares e a prática do médico fisiatra. Acta Fisiatr 2003; 10(2): 50-51.